

NOTAS DE ARTE

PREMIO LEIRNER

Paolo Maranca

Encontra-se aberta na Galeria de Arte das "Folhas" a exposição dos 53 artistas que, tendo expostos na galeria durante o ano passado, concorreram ao Premio Leirner de Arte Contemporânea referente a 1959. Cada artista participa com três trabalhos: cabe ao proprio autor, no momento de envia-los, seleciona-los entre as peças expostas. O júri que deverá conferir o premio ficou constituído dos seguintes nomes: Antonio Bento, Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira, Lourival Gomes Machado, Sergio Millet, Isa Leirner, Maria Martins, Tarsila do Amaral e Lívio Abramo.

Percorrendo a exposição tem-se uma visão panorâmica, embora um pouco resumida, de nossas artes plasticas de produção mais recente. Lá estão dezenas e dezenas de artistas. Entre eles destacam-se automaticamente os que, por sua superioridade, estariam aptos a receber os varios premios. Absolutamente não é nossa intenção interferir nos trabalhos do júri, nem servirmos de ociosos conselheiros de tão brilhantes representantes de nossa modernidade. Ao distribuímos aqui os premios "Leirner" aos artistas a nosso ver merecedores, somos vítimas da projeção automática de uma ideia, visamos apenas a mostrar ao leitor o nosso ponto de vista, embora possa vir ele, por coincidência, a coincidir amanhã com o resultado apresentado pelo júri.

Daríamos o 1.º Premio de Pintura (Cr\$ 80 mil) a Willys de Castro. Parece-nos, entre os expostos, o que apresenta a obra mais madura, tecnica mais segura a pintura mais rica em invenção e em afinidades cromáticas. O 2.º premio (Cr\$ 40 mil) dá-lo-lamos a pintora primitivista carioca Elisa Martins da Silveira, por apresentar obras indubitavelmente mais ricas e interessantes que os demais. Tivesse ela se apresentado ao premio com obras mais solidas — da qualidade das que vimos em outras ocasiões — e a ela teríamos dado o 1.º Premio.

Quanto ao 1.º Premio de Escultura (Cr\$ 80 mil), não temos dúvidas: é de Bruno Giorgi. Sua escultura é sob todos os aspectos superior à dos outros concorrentes. Além disso é ele o unico verdadeiro profissional ali representado. O 2.º Premio (Cr\$ 40 mil) daríamos sem temor ao japonês Tadakiyo Sakais, cujos barrocos cozidos nos seduzem pelo calor de sua mensagem humana. É provavel que se Henry Moore os visse, hesitasse em considera-los "esculturas", mas num plano mais modesto ele também certamente os consideraria bem interessantes.

Desculpar-nos-ão os inimigos do concretismo, mas é a tendencia mais bem representada na atual coletiva das "Folhas", presença que havia escapado à nossa atenção no suceder-se das exposições "conjuntas". No campo do desenho destaca-se a obra de Hercules Barsotti como o conjunto mais maduro e de feliz realização. A ele daríamos sem titubear o 1.º Premio de Desenho (Cr\$ 60 mil), ficando o 2.º Premio (Cr\$ 30 mil) para o concretista campineiro Raul Porto, que nos parece apresentar algumas condições para distinguir-se da multidão sem maior interesse.

Quanto aos premios de gravura (num total de Cr\$ 90 mil), não vemos possibilidades de serem outorgados aos gravadores ali representados. Prevê o regulamento que, em tal caso, a soma pode ser utilizada em aquisições nos outros setores. É pois o que faremos após ter distribuído as 4 menções honrosas

(de Cr\$ 20 mil cada) previstas no regulamento. As menções honrosas, nós as distribuiremos da seguinte maneira. Uma para Carlos Magano, pintor "tachista" carioca de bom nível qualitativo. Outra para Paulo Becker, pintor abstracionista de S. Paulo, que está numa fase um pouco titubeante, mas de grande interesse e prometendo um bom pintor abstrato. A terceira para o desenhista concretista Fabio Barbosa, que apresenta três desenhos interessantes, embora sem a qualidade encontrada em Barsotti. A ultima para Ubi Bava, concretista do Rio, que apresenta alguns desenhos coloridos interessantes.

A verba proveniente dos premios de gravura não distribuídos poderia ser usada nas seguintes aquisições. Um desenho de Mauro Francini de boa qualidade: o ex-cenógrafo do Teatro Brasileiro de Comedia apresenta na mostra três desenhos, dois deles são um pouco fracos. A seguir, com a soma restante seria preciso escolher entre Sheila Brantingam, Maria Leonitina, Maria Celia, Italo Cencino, Darcy Penteado e Bernardo Cid de Souza Pinto. Todos eles têm obras interessantes e passíveis de serem adquiridas. A pintora Sheila faz uma pintura graficamente interessante, embora filiada àquele "alfabetismo" nipônico tão explorado ultimamente pelos vanguardistas do abstracionismo. Maria Leonitina é pintora de recursos: poderia perfeitamente disputar o 1.º Premio, mas as peças que a representam são fracas. Maria Celia dá a impressão de ser uma dessas pintoras um pouco indecisas entre os ismos mas seu trabalho denota sem dúvida alguma talento. Cencini é um desenhista moço e de talento, mas sua fase atual não é muito feliz: já foi melhor. Darcy está mal representado e Cid apresenta um figurativismo interessante, mas de pouca força.

Distribuídos os premios desta maneira, não ficaria a nosso ver nada de excepcional a ser assinalado. Muitos artistas de primeiro plano fazem sentir sua ausência nesta coletiva, mas o Premio, em alguns casos, não poderia ser mais bem aproveitado. Willy, por exemplo poderia ser perfeitamente premiado ao lado de nossos grandes nomes, como um valor novo. Observam alguns que os premios todos somados, monetariamente, não seriam suficientes para adquirir dois bons quadros de Portinari. É verdade, mas o Premio Leirner vale como certame, como congregação que é de um grande numero de nossos artistas. É verdade que nem todos eles podem ser grandes artistas, mas é também verdade que o valor monetário não pode deixar de ser relegado a um segundo plano. Tendo estas considerações, aguardemos o resultado do júri do Premio Leirner.

Orânea